

Identidades e práticas articulatórias dos “movimentos gays”: a disseminação das “Paradas Gays” no estado de Alagoas.

Flávio Santos da Silva (Mestrando – UFAL)¹
Neusvaldo Medeiros de Caldas Júnior (Graduando - UFAL)²

Resumo

Essa análise sobre os movimentos Gays do estado de Alagoas nos coloca diante de um questionamento sobre como as identidades dos sujeitos, inseridos na Parada Gay, produzem esta prática articulatória. Neste sentido, a emergência de tal *prática* consiste na existência de múltiplos processos de identificação desses sujeitos, de forma efêmera, trazendo à tona um conflito submerso. Antes restrita à capital, a “Parada Gay” vem expandido seus “*tentáculos*”, tendo uma abrangência estadual, o que mostra uma evidente abertura, crescimento e aceitação dos objetivos estabelecidos pelos Movimentos Gays. Nos municípios que foram realizadas as passeatas, as mesmas tiveram uma grande visibilidade e “aceitação” por diversos atores sociais. Gostaríamos de ressaltar ainda, que este fenômeno emergiu no cenário alagoano ano de 2006, ganhando legitimidade por parte do Poder Público.

A partir de nossa pesquisa presenciamos que esses “momentos” não apresentam uma homogeneidade, sendo composto de percepções transitórias, motivacionais, cognitivas, culturais, políticas, ideológicas e com orientações diversas, circunscrita no tempo e espaço. Levando em consideração as palavras de Melucci (2001), essas manifestações, ao tornarem-se fatos, exprimem um desequilíbrio estrutural entre opressor e oprimido. Estas correlações de forças culminam na modernização das estruturas, o que produzem novas formas de poder, novas violências e novas injustiças e sua origem e êxito são de caráter heterogêneo. Criando então, no interior do movimento gay uma multiplicidade e contingência nos processos de identificação dos atores

¹ E-mail: flavio.flafantos@gmail.com.

² E-mail: nmcjr.csoufal@yahoo.com.br.

coletivos - “nômades do presente”, nas palavras de Melucci. Tal pluralismo leva aos particularismos, ou seja, em uma autonomia do sujeito, mas também a esforços de articulação em torno de pontos de convergência, abrangentes o suficiente para unir diferentes grupos de tal modo contingentes que não postulam legitimidade acima de qualquer questionamento em torno de um ideal “mítico”.

Palavras-chave: construção de identidade; prática articulatória; movimento gay.

INTRODUÇÃO

Neste artigo iremos apresentar resultados preliminares de nossa pesquisa que se encontra em sua fase inicial, não tendo, portanto dados conclusivos. A escolha da “Parada Gay” enquanto objeto de estudo se deu em função da emergência de uma novidade no cenário de tais manifestações. No ano de 2006 assistimos à realização de nove Paradas em diferentes cidades do interior do estado alagoano, antes restrita apenas à capital.

Estes fenômenos aparecem como mensagens codificadas ou profetas do presente, no sentido usado por Melucci (2001), pelo fato dos mesmos emergirem em uma sociedade que ainda possui características patriarcais, cujo preconceito ao homossexual se reveste e se apresenta em uma multiplicidade constritora. Em meio a uma sociedade conservadora e machista, na qual ainda persistem práticas de violência aos homossexuais (MOTT, 2000, p.368), as “Paradas Gays” personificam a contestação dos códigos político-culturais dominantes, tornando-se o combustível necessário para o auto-reconhecimento identitário e transformador. Neste sentido, analisaremos a ramificação destas “Paradas”, como sendo um ato de formação identitária, nas palavras de Burity (1997).

Stuart Hall (2005) aponta que o fenômeno da globalização, por exemplo, interfere na conceituação de identidade cultural, e suas conseqüências enquanto “pluralização” de identidades, coloca-nos diante do jogo de identidades. Este “jogo” se dá porque muitas vezes as identidades são contraditórias ou se cruzam mutuamente,

pois nenhuma identidade singular pode alinhar todas as identidades de forma única, abrangente, conciliando e representando as variadas identidades de uma pessoa, ou grupo.

Essa mesma globalização causa um agravamento nas tensões contemporâneas e a complexidade faz fixar a ansiedade geral das sociedades em algo que parece ser concreto. Este sentimento de insegurança faz com que permaneçamos numa incessante busca por “culpados”, assim, também surge um estado de incerteza, sendo, estabilizado e tornando-se o único estilo de vida possível. Junto com a incerteza crescem o medo e a intolerância – o Outro personificado como o diferente. Assim, sem perceber, perdemos a capacidade de sublimação do real e do racional, causando uma individualidade exacerbada culminando no preconceito, que no caso da cidade de Maceió é tão arraigado contra essa minoria homossexual.

1. CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE IDENTIDADE

Diante desta problemática sobre a identidade Joanildo Burity (1997, p. 46), aponta que tais processos são entendidos como “espaços de subjetivação preexistentes aos indivíduos e que ocupam, necessariamente, diferentes números, modos e períodos, ao longo da vida, sendo correspondida à objetivação pela qual o sujeito “encontra um lugar” na estrutura social”. Entretanto, este sujeito se constitui sempre de forma incompleta e contingente, já que este lugar nunca o satisfaz totalmente, apenas fixa temporariamente e precariamente o sentido. Por outro lado, a emergência do sujeito designa posições sociais, dentro de um conjunto de normas e regras pré-estabelecidas, que dão aos seus ocupantes “uma forma de identificação que os permitem certo controle sobre a espontaneidade destes sujeitos.” (idem).

Para Zizek (apud BURITY, 1997, p. 47), o sujeito idealiza uma fantasia identificatória, criando expectativas em torno de um mito, tal fantasia, por sua vez, é construída a partir de uma falta constitutiva e indeterminada. Mas o sujeito busca a complementação desta falta indeterminada e o fracasso desta identificação, contendo em seu interior uma dinâmica de luta pelo próprio sentido de ser.

Na concepção de Stuart Hall (2005), o sujeito não é caracterizado por uma

identidade fixa ou permanente, mas pela constante mudança, rompimento ou “deslocamento”, o que ele chama de “modernidade tardia e de jogo de identidades”, onde Hall articula as transformações do conceito de sujeito com as próprias mudanças do mundo moderno.

Essas transformações exercem a função de contestar e deslocar identidades centradas e “fechadas” de uma cultura, produzindo um efeito pluralizador sobre as mesmas. Este efeito possibilitou novas posições de identificações, mais políticas, plurais e diversas, menos fixas e unificadas. Podendo ter como efeito o reconhecimento destes atores e a contestação do poder.

Neste sentido, Dagnino (2000), afirmará que os movimentos sociais terão um papel fundamental no questionamento da fixação dos significados, surgindo um campo de luta no espaço social entre forças antagônicas. Como também Melucci (2001) chama a atenção para o fato de que os movimentos desafiam os códigos culturais dominantes. Então, as identidades transformam-se em poder nas mãos desses agentes que se reconhecem e se solidarizam com uma causa, desafiando um poder constituído.

Em nossa pesquisa, utilizamos entrevistas com lideranças³ e observação participante ativa. Esta última definida por Schwartz e Schwartz (1969, apud HAGUETE, 1992, p. 73) como sendo aquela em que o observador encontra-se “*em relação face a face com os observados e participando com eles em seu ambiente natural de vida*”. Nosso objetivo é compreender esses mecanismos de interação entre os atores na Parada Gay e a sua articulação no espaço sócio-político e cultural do qual fazem parte. Em uma representação do sujeito nesta prática articulatória, entendendo a existência dos processos de identificação desses sujeitos como sendo efêmeros.

No caso da Parada Gay, trata-se de uma prática articulatória de movimentos sociais em torno do questionamento da imposição do modelo heterossexual. Criando uma multiplicidade e contingência nos processos de identificação dos atores coletivos – atuando como “profetas do presente”, nas palavras de Melucci (2001). O sujeito que aparece como uno e indivisível na Parada Gay, encerra o pluralismo, manifestando-se como um momento de autonomia do sujeito e um esforço de articulação em torno de

³ As lideranças estudadas pertencem respectivamente aos seguintes grupos GGAL, Afinidades GLSTAL e Filhos do Axé.

pontos de convergência que une diferentes grupos de modo que não postulem legitimidade acima de qualquer questionamento ao “mito” ou fantasia identificatória, nas palavras de Žižek (apud BURITY, 1997).

É nesse contexto que o mito surge a partir de uma ruptura, entre, o agir humano e o sistema estrutural, expondo a falha no processo de reconhecimento da cidadania e na reciprocidade de ser cidadão. Tentando preencher a negação existencial que esta sociedade tem em relação aos homossexuais enquanto sujeitos de direito. O ponto nodal então que reúne diferentes atores está posto em torno da reivindicação dos direitos civis, que está diretamente relacionada com a afirmação identitária do **“Orgulho de Ser Gay”**.

Neste sentido, a Parada se mostra como o momento de fixação provisória do sentido de ser *gay*, enquanto emerge como o momento de propiciar o desvelamento do preconceito que se encontra no cerne da sociedade. Reverberando o grito dos injustiçados em uma explícita demonstração da negação existencial dos homossexuais enquanto sujeito de direito, como qualquer cidadão. Neste processo, podemos verificar a fratura no reconhecimento da cidadania e da aceitação da pluralidade.

Ao analisarmos a Parada Gay observamos duas dimensões desse processo identitário. Se por um lado, ela se reveste de um caráter festivo, por outro lado, apresenta seu aspecto reivindicatório. Estamos diante de um fenômeno dual que tem um caráter carnavalesco, e ao mesmo tempo denuncia um conflito submerso (o preconceito contra os homossexuais), nas palavras de Melucci (2001).

2 - O caráter festivo (a irreverência e o colorido das fantasias)

Se tomarmos superficialmente as performances dos seus integrantes, podemos afirmar que estamos diante de um espetáculo exibicionista. Entretanto, o que está posto em questão é afirmação do sentido do ser. Fixando provisoriamente o sentido de ser *gay*, ou melhor, do **“Orgulho de Ser Gay”**. Assim, em sua manifestação, os gays estão dizendo que querem ser aceitos e respeitados, de forma plural e reflexiva.

Pudemos observar que a participação, segundo os mesmos, encontra sua motivação em vários prismas, relacionadas às experiências da liberdade (temporária) de expressão das práticas relacionais afetivas somente “permitidas” aos heterossexuais, tais

como paquera, beijo, demonstração de afeto, em geral. O que, para alguns, tem o sentido de “escandalizar”, ou como se fala no cotidiano alagoano, “pra se amostrar”.

Assim, a Parada é, a princípio, um momento catártico, um ato de expressão transitória de uma identidade. Ou seja, é um momento no qual, os integrantes criam um espaço público de expressão de sua identidade compartilhando da liberdade de manifestação pública da forma de ser que, em outros momentos, está restrita a espaços específicos (guetos).

Neste ínterim, o que parece ser, no primeiro momento, apenas, o fato de que as maiorias dos homossexuais presentes na Parada parecem serem motivadas pelo caráter festivo do fenômeno, e desta forma, não apresentando uma consciência da representatividade da Parada Gay, este mesmo contingente promove a inserção novos parâmetros sociais e culturais através da visibilidade e reverberação das propostas do movimento, de modo tão pontual, que vai fragmentando os tabus e regras patriarcalistas e hegemônicas.

Para Melucci (2001, p. 27), esse desafio se manifesta como uma inversão dos códigos culturais e tem, por isso, um caráter prevalentemente formal, tornando-se intercambiáveis. Além disso, o poder situado nas linguagens e nos códigos que organizam o fluxo de informações revela-nos uma interdependência e uma permanência de tensões, onde os atores negociam constantemente estes aspectos.

Gostaríamos de esclarecer que a Parada Gay, por mais que seja considerada o ápice do movimento, ela é na verdade o evento final e realmente festivo, sendo realizada após uma semana de reflexão, fóruns, palestras e outros debates acerca de assuntos variados e pertinentes às reivindicações e concepções dos grupos gays. Depois desta semana de eventos, a Parada é efetivada reunindo grupos diferenciados de participantes tais como: homossexuais masculinos e femininos, de todos os estratos sociais, “assumidos ou não”, estereotipados ou não, travestis, transexuais, garotos e garotas de programa, heterossexuais. Obviamente esta categorização não pretende dar conta da diversidade do mundo homossexual, como nos chama atenção Adriana Nunan (2002).

As mobilizações, segundo Melucci, devem ser entendidas como um sistema multipolar que combina o resultado de objetivos, recursos e limites, ou seja, uma orientação finalizada e construída das relações sociais no interior de um campo de

oportunidades e vínculos, dando sentido ao agir coletivo, formando um “nós”.

2.2 - O caráter reivindicativo e os discursos das lideranças gays em busca da visibilidade

A visibilidade de identidade GLBT revela um ponto que a sociedade tenta esconder: o fato de que gays existem e são em maior proporção do que se imaginava. Para Melucci (2001), essa ação coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões e conflitos entre os atores, isto é, inclui processo de mobilização, formas organizativas, modelos de lideranças e ideologias, mas também, as relações com o exterior, com os concorrentes, aliados, adversários e, em particular, as respostas do sistema político e dos aparatos de controle social, definindo um campo de oportunidades e de vínculos, dentro do qual, um ator coletivo se forma e se mantém ou se modifica no tempo. Como exemplo, podemos citar que a Parada Gay é organizada através deste eixo, desse ponto nodal e onde também, as organizações (ONGs)⁴ desempenham um papel fundamental no movimento, chegando a se confundir com os mesmo.

O movimento surge nas bordas do preconceito cultivado há anos, sendo ele demonstrado em todas as esferas do convívio social, político e cultural. Em contrapartida, os homossexuais se mostram de maneira deliberada, à vontade e dizendo “*Eu Tenho Orgulho de Ser Gay*”, e “*Orgulho Sim, Preconceito Não*” tornando a Parada do Orgulho Gay diametralmente antagônica aos valores ou aos códigos culturais dominantes da sociedade hegemônica.

Para as lideranças dos grupos gays do Estado de Alagoas as paradas além de possuir um caráter reivindicatório servem para trazer à tona uma visibilidade ímpar e também representa uma forma de luta pela afirmação da cidadania homossexual e as buscas por políticas públicas⁵. Segundo o discurso dos mesmos, o movimento gay na capital Maceió está bastante organizado e chegando até mesmo em certo momento a

⁴Para Golin (2002:159) “a maioria dos grupos gays do Brasil coloca em seus estatutos que são ONGS Aids, pensando assim disputar o dinheiro público com aquelas que efetivamente surgiram em decorrência da epidemia”.

⁵Segundo o presidente da ABLGTO Benaldo Silva de Delmiro Gouveia. (27/08/2006)

fazer “mais o trabalho do Estado que o próprio Estado”⁶. No que se refere à mobilização, diante dos eventos ocorridos, há certa unanimidade sobre os objetivos alcançados pelas paradas que é o de alertar a sociedade sobre a existência desse grupo, inserido em seu seio.

2.3 - As Paradas Gays e os seus tentáculos: o advento de uma visibilidade nas cidades do interior alagoano.

Em 2006 assistimos ao fenômeno das paradas gays ocorridas em nove cidades no interior do estado alagoano. Esta ampliação surge de uma estratégia das lideranças dos grupos gays tentando reacender, de certa forma, uma nova visão também nas cidades de pequeno e médio porte. Dessa forma, essas Paradas realizadas trazem em seu bojo à tona um grande desafio, o de derrubar os tabus e preconceito constituído pelo poder dominante, neste caso, o modelo heterossexual por excelência.

O crescimento dessa visibilidade se deu neste cenário alagoano através da organização da ABGLT (2005)⁷, que tinha como projeto a organização de sua expansão da visibilidade nas capitais e cidades do interior de cada estado brasileiro. No Estado de Alagoas, a Parada Gay passa, neste momento, a expandir seus *tentáculos* a partir dessa estruturação e articulação entre o grupo Afinidades GLSTAL e o Grupo Gay de Alagoas (GGAL), sendo, portanto a cidade de Maceió a sede de tal evento ou nas palavras de Melucci (2001) aquele que fala à frente da realização desses fenômenos (parada).

Tendo o GGAL esse papel definido pela ABGLT, promove então, a IV Parada da Diversidade Sexual de Maceió, que teve sua concentração na Avenida da Paz com a participação de 40 mil integrantes em busca da realização deste projeto. Para o presidente da ABGLT Marcelo Nascimento, ao abrir o evento discursa que “*chegou à vez dos homossexuais do interior de Alagoas mostrarem sua cara em busca de visibilidade, cidadania e respeito*”.

É diante dessa efervescência, que este movimento vai se expandindo nesses

⁶ Segundo o atual secretário do Grupo Gay de Alagoas-GGAL Igor Nascimento

⁷ < <http://www.abgl.org.br/port/bsh.php> > Acessado no dia 26/02/07, às 16:20 h

municípios alagoanos, tendo sua primeira realização ocorrida na cidade de Penedo (06/05); a segunda em União dos Palmares (16/07); a terceira em São Luiz do Quitunde (20/07); a quarta em Porto Calvo (20/08); a quinta em Delmiro Gouveia (27/08), sediando a I Parada Gay do Sertão de Alagoas; a sexta em Coruripe com a I Parada do Orgulho GLBT (03/09), a sétima com a realização da II Parada de Santa Luzia do Norte (10/09), a oitava foi a I Parada da Diversidade Sexual de Viçosa (17/09) e finalizando o circuito com a I Parada do Orgulho GLBT do Agreste de Alagoas, em Arapiraca (22/09).

E em todas essas cidades foi ocorrido o mesmo protocolo destinado a capital Maceió, onde também se contou com a mesma estrutura. Um fato que nos chamou a atenção é que por se tratar de lugares com maiores índices de preconceitos, a articulação do movimento não sofreu, aparentemente, nenhum tipo de retaliação, por parte do público que se fez presente. Ao contrário do esperado, a Parada Gay nestas cidades, tiveram grande “aceitação”, quase unânime, mais do que na capital. O contingente foi tão inesperado, que a população de sujeitos que não participavam diretamente da passeata e só estavam assistindo, eram tão integrados ao evento que quase não se dava para distingui-los, ou seja, não era possível se fazer um corte dicotômico dos sujeitos⁸.

Inclusive contando com apoio e reconhecimento do aparato estatal⁹, que viabilizou a realização desses eventos, fazendo-os entrarem para o calendário anual governamental. Porém, o fato de ter sido realizado, os ditames não desapareceram, apenas ficaram submersos e submetidos a interesses maiores, que no caso da Prefeitura, pode prover a cidade um meio alternativo e altamente lucrativo sem grandes ônus. Uma outra diferenciação é o fato de que as festividades não terminaram com o fim da Passeata, mas adentraram por toda a noite e madrugada. Tornando-se um evento sócio-culturalmente transformador, unificador e familiar, pois se percebe a interpenetração nos interstícios das camadas tecido-culturais da sociedade hegemônica.

Considerações Preliminares

⁹ Projeto apoiado pela Prefeitura, UNESCO, Secretaria Executiva de Saúde, Ministério da Saúde.

Apesar de a Parada Gay ser, apenas um momento provisório, pudemos perceber que esse movimento teve um aumento considerável de participantes, neste momento não só em sua capital mas em nove municípios alagoanos.

Neste sentido, ao ressaltarmos a realização dessas novas Parada para expansão do movimento Gay em nove cidades do estado, durante o ano de 2006, pudemos observar que este fenômeno, de certa forma, vem sendo uma estratégia do movimento gay de expandir seus tentáculos, isto é, alcançar novas áreas de atuação. Desta forma, o movimento está articulando uma rede de grupos Gays, com o objetivo de dar maior visibilidade às reivindicações do mesmo.

Se por um lado, esses sujeitos se encontram imersos em um tecido birrefringente e aparentemente protetor e preenchido por uma substância amorfa; por outro lado, vemos que tal tecido social, apesar de uma pseudo-transparência, e é justamente por esta, que o sujeito perde a capacidade de sublimação do real, ele vai se mostrar de maneira rígida e contentora (dominantes) das estruturas contidas (dominados). Deixando uma sensação de imersão disforme e não-regular, onde o sujeito permanece na busca de algo que lhe é ausente.

Neste sentido, toda ação da Parada Gay produz efeitos sobre as instituições, porque moderniza sua cultura e sua organização, Melucci (2001:28). Mas, ao mesmo tempo, as mobilizações levantam interrogações não previstas na lógica da racionalidade instrumental, que exige somente aplicar e tornar operativo o que foi decidido por um poder anônimo e impessoal.

O grande desafio do movimento gay é tentar constituir uma nova identidade coletiva diante das realizações desses eventos (as paradas) e tentar apaziguar a necessidade inerente ao ser humano de dar sentido à vida e à sua transitoriedade e, em parte, afrontar a nova força dos fundamentalismos.

Percebendo, portanto, que o caminho democrático, cada vez mais imperioso, passa a ser a busca do equilíbrio entre a afirmação das liberdades individuais e o direito de identificar-se, sem com isso degenerar em comunitarismo agressivo e sectário. Tendo consciência de seu papel e contribuindo nas transformações estruturais da lógica capitalista sem deixar ser tragado por ela. Pensando desta forma em uma sociedade justa e igualitária em direitos e deveres de cada sujeito exercer sua liberdade e aprender a

conviver com a diversidade cultural, religiosa, sexual, racial onde as paradas gays rompem e propiciam uma nova visão diante de um mundo melhor ou nas palavras de MERTTHEN as paradas *“representam um marco e um avanço na luta em favor da liberdade de pensamento ou expressão, além de uma oportunidade para reafirmarmos nosso papel de cidadãos na luta pela defesa da cidadania”*¹⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURITY, Joanildo. **Psicanálise, Identificação e a Formação de Atores Coletivos**. Relatório de pesquisa. Recife, mimeo, Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

DAGNINO, Evelina. “Cultura, Cidadania e Democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda da América Latina” In ALVARÉZ, S., DAGNINO, E.

¹⁰Tribuna de Alagoas, segunda-feira, 28 de agosto de 2006.

ESCOBAR, A.(org.) **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos:** novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000. pp 61-102.

DESLANDES, Suely F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/** Suely F. Deslandes, Otavio C. Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de S. Minayo (organizadora). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp.80.

HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 224p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, 200p.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). 5. ed. Rio de Janeiro: Record. 2002.

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (org.), 2000. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. In MOTT, Luiz. **Os homossexuais: as vítimas principais da violência.** Ed. UFRJ .2000. 368p.

JORNALTRIBUNA DE ALAGOAS, segunda-feira, 28 de agosto de 2006.

INTERNET:

<<http://www.ggal.al.org.br/>> Acessado no dia 20/01/07, às 10:00 hs.

<<http://www.abglt.org.br/port/bsh.php>>. Acessado no dia 26/02/07, às 16:20 hs.

